



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS

LUANA OLIVEIRA DA SILVA

O MARAVILHOSO NA DEMANDA DO SANTO GRAAL

João Pessoa, 2017

LUANA OLIVEIRA DA SILVA

O MARAVILHOSO NA DEMANDA DO SANTO GRAAL

Monografia apresentada à Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras com formação específica em Língua Portuguesa. Orientadora: ProfªDr Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne

João Pessoa, 2017

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade Federal da Paraíba.

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Silva , Luana Oliveira da.

O maravilhoso na demanda do Santo Graal/ Luana Oliveira da Silva.- João Pessoa, 2017.

36f.

Monografia (Graduação em Letras - Língua) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne

1. Imaginário medieval. 2. Maravilhoso. 3. *A demanda do Santo Graal*. I. Título.

BSE-CCHLA

CDU 82-32

LUANA OLIVEIRA DA SILVA

O MARAVILHOSO NA DEMANDA DO SANTO GRAAL

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

ProfªDrª Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne

Universidade Federal da Paraíba

Orientadora

ProfªDrª Arturo Gouveia de Araujo

Universidade Federal da Paraíba

ProfªDrª João Paulo da Silva Fernandes

Universidade Federal da Paraíba

DEDICATÓRIA

Ao Pai Celestial em primeiro lugar, que me susteve nos momentos em que precisei; aos meus pais pelo apoio financeiro e emocional em tudo o que fiz e faço; aos meus amigos pela compreensão e serviço; Ao meu esposo que me incentivou e motivou nos momentos finais desses anos de estudo. Ao meu filho Otávio que foi minha luz e inspiração nos momentos difíceis. E por fim ao meu Anjo Orientadora, que com sua gentileza e amor soube iluminar minha mente e abrir meus olhos.

Dedico

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus por ter me escutado, me orientado, me amparado no decorrer desse curso. Também gostaria de agradecer aos meus pais pelo incentivo e apoio durante todo esse tempo. A minha irmã Sheila por ter me dito que eu venceria tudo o que quisesse. Não poderia esquecer das minhas amigas, Aparecida Emília Piraiba dos Santos, Nadine Silveira e Driely Xavier por todas as madrugadas de estudo, trabalhos divididos, apoio emocional, risadas e tristezas compartilhadas. Vocês mudaram minha vida e ajudaram a tornar meu fardo mais leve nesses anos. Ao meu esposo e companheiro, meu escolhido, por tudo o que fez para que eu concluísse meu curso e fosse feliz. Ao meu filho razão das minhas alegrias diárias, luz da minha casa. E por fim a minha Orientadora/Anjo que com suas palavras gentis e fortes me fizeram abrir os olhos para meus sonhos e me incentivou a alcançá-los. E a todos que de alguma forma fizeram e fazem parte desse sonho, Agradeço.

RESUMO

O presente trabalho propõe uma análise dos elementos do “maravilhoso”, suas origens, bem como significados e influências presentes em *A Demanda do Santo Graal*. O *corpus* escolhido para esta análise está pautado nas narrativas de aventuras enfrentadas pelos cavaleiros em *A Demanda do Santo Graal*, uma novela de cavalaria pertencente à segunda prosificação e cristianização da Matéria da Bretanha, a fim de serem analisados a luz dos conceitos de *Miraculous*, *Mirabili*, *Magicus*, considerando também todo imaginário da época. O estudo da obra demonstra que há uma forte presença dos elementos do maravilhoso no decorrer da narrativa, principalmente do *miraculous* e *magicus*, assim como do imaginário cristão com traços da tradição celta. Para a constatação foi buscado o apoio teórico, principalmente, nos trabalhos de: Regine Pernoud (1997) e de Franco Jr (2001), Le Goff (2002), Schmitt (2007), Zierer (2013), Siqueira (2012), Sant’ana (2015), bem como diversos estudos sobre a sociedade e literatura medieval, constatando os elementos do maravilhoso e o pensamento medieval decorrentes na obra.

Palavras-chave: Imaginário medieval, Maravilhoso, *A Demanda do Santo Graal*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CAPÍTULO I: LITERATURA E IMAGINÁRIO NA IDADE MÉDIA.	11
1 Cultura literária na Idade Média: alguns apontamentos	11
1.2. O maravilhoso cristão e o além-túmulo no imaginário medieval	14
3 CAPÍTULO II. O MARAVILHOSO NA DEMANDA DO SANTO GRAAL	20
1. Visão geral de <i>A Demanda do Santo Graal</i>	20
2 Miraculous x, Magicus nas aventuras dos cavaleiros em busca do Graal	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERENCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo a análise da obra *A Demanda do Santo Graal*, novela de cavalaria produzida no século XIII, inserida num período de prosificação da matéria da Bretanha, sob a perspectiva do maravilhoso no imaginário medieval. *A Demanda do Santo Graal* é o terceiro livro pertencente ao segundo ciclo da segunda prosificação da Materia da Bretanha, conhecido como ciclo da *Post-Vulgata* ou do pseudo-Boron. A demanda portuguesa é a mesma da vulgata francesa (pertencente ao primeiro ciclo de prosificação, chamado de *Vulgata*), porém acrescida do resumo da morte do rei Artur e de elementos do ciclo de Tristan em Prosa, fazendo com que se torne a obra mais completa da *Post-Vulgata*. Esse romance foi trazido a Portugal provavelmente pelo conde de Bolonha, futuro monarca de Portugal. Segundo Megale (2007, p.71) “Uma vez em Portugal, o ciclo teria sido traduzido por Joam Vivas, ainda no reinado de Afonso III, de 1248 a 1279, conforme sólida fundamentação levantada por Ivo Castro. ” Dos três livros pertencentes a *Post-Vulgata*, a Demanda é o único traduzido para o português moderno.

Dos diversos temas abordados no romance *A Demanda do Santo Graal*, optamos pelo estudo do maravilhoso pela decorrência em que esse aspecto apresentasse nas aventuras cavaleiros em demanda. Esse tema na obra nos motiva a compreender como as pessoas na Idade Média viam o mundo, quais eram seus valores, suas crenças, medos, sentimentos, herança; enfim, como se dava o imaginário medieval.

Partindo disto, analisaremos o maravilhoso que permeou a literatura na Idade média, suas origens, bem como significados e influências, por meio das narrativas de aventuras enfrentadas pelos cavaleiros em *A Demanda do Santo Graal*.

Para tanto, cumpre dizer que o trabalho está dividido em dois capítulos cujo objeto de estudo destina-se a estabelecer uma contextualização da obra a ser estudada juntamente com o esclarecimento das teorias a serem utilizadas e, por fim, o capítulo de análise que nos dá uma visão geral da obra e nos apresenta a leitura de trechos do *corpus* escolhido.

Deste modo, o primeiro capítulo intitulado *A Literatura e Imaginário na Idade Média* explana os fatores que colaboraram para a criação de uma literatura na Idade Média e está também direcionado aos apontamentos teóricos que interessam à análise do maravilhoso sugerido nesta pesquisa. Como aporte teórico fizemos uso de estudos de Régine Pernoud (1997) e de Franco Jr (2001), Le Goff (2002), Schmitt (2007), Zierer (2013), Siqueira (2012), Sant'ana (2015) entre outros autores, que forneceram pontos de partida para contextualizar a obra estudada, considerando os fatores históricos e as demais obras da época, e também e esclarecendo o significado do maravilhoso, suas origens e influências.

O segundo capítulo, *O Maravilhoso na Demanda do Santo Graal*, corresponde à análise de algumas aventuras maravilhosas que formam o *corpus* desse estudo, oferecendo uma leitura das aventuras narradas na demanda, pautada nas teorias estudadas no capítulo anterior. A análise será fundamentada sobretudo nos estudos da medievalista Adriana Zierer (2013, 2015).

Por fim as considerações finais a respeito deste trabalho, retomando e explanando alguns resultados obtidos no decorrer da análise. Resultados estes que nos levarão a compreender o *maravilhoso*, que ocorre na obra estudada, e que nos abrirá um leque para demais estudos a serem desenvolvidos com *A Demanda*.

2 CAPÍTULO I: LITERATURA E IMAGINÁRIO NA IDADE MÉDIA.

1 Cultura literária na Idade Média: alguns apontamentos

Para compreendermos a evolução da literatura na idade média, é necessário lembrar que na Europa medieval existiam dois mundos culturais: a cultura clerical ou eclesiástica e a cultura popular ou folclórica.

A primeira foi a responsável durante boa parte da Idade Média pelo monopólio da cultura escrita, mais ou menos até o século XIII, quando enfim houve um crescimento do laico alfabetizado. Era constituída por uma literatura teológica, mística e didática veiculada à igreja, em especial os conventos, que ficavam responsáveis por traduzir obras da antiguidade ou produziam textos litúrgicos, sermões, relatos sobre a vida dos santos, hinos e poesia religiosa em latim, língua oficial do clero.

Do outro lado estava a cultura folclórica que iremos denominar de vulgar, pois como diz Franco Jr “para os medievais esta palavra rotulava sem ambiguidade tudo que não fosse clerical.” (FRANCO JR, 2001, p.139). A cultura vulgar era caracterizada por sua informalidade e espontaneidade na elaboração, além de ser veiculada através da oralidade. Era repassada por meio da língua vernácula, e explicitava seus ideais de maneira mais direta sem se apegar às regras ou práticas oficiais, exemplos dos poemas, jograis, acompanhados de música e outras apresentações compunham seu repertório.

Apesar de serem culturas distintas, ambas circulavam entre si, fazendo com que não existisse divisão clara entre suas produções literárias ou artísticas. Como esclarece Pernoud:

Se se pode falar, na Idade Média, de uma literatura do povo, de uma literatura clerical e de uma literatura da nobreza, isso deve compreender-se antes como uma nota dominante, pois, tanto nos seus criadores como no seu público, as obras em geral participam tanto de umas como de outras «classes», com apenas um gosto mais marcado aqui ou ali. (PERNOUD, 1997, p. 111).

A literatura na era medieval não pertencia a nenhum determinado grupo social, todos possuíam as mesmas oportunidades de se manifestar; do pobre ao rico, do príncipe ao vagabundo, do clero ao popular, todos podiam desfrutar das “alegrias do espírito”. Como diz Pernoud:

A Idade Média não conheceu *elite* nem dentro nem fora do domínio intelectual, porque cada um podia, na sua esfera, tornar-se um ser de

elite. As alegrias do espírito não eram reservadas aos privilegiados ou aos letrados e podia-se, sem saber nem grego nem latim, e mesmo sem saber A ou B, ter acesso às mais altas delícias da poesia. (...) ao contrário do que se passou, por exemplo, no século XVII, em que uma obra literária apenas era destinada à Corte e aos salões, houve entre as classes sociais trocas fecundas; a seiva poética circulava livremente e enriquecia-se com tudo aquilo que o povo lhe podia trazer de vigor e a alta sociedade de requinte. (PERNOUD, 1997, p. 110).

As trocas que existiam entre as culturas na Era medieval fizeram surgir a cultura intermediária, como explica Franco Jr:

Essas intensas trocas eram alimentadas e alimentavam a cultura intermediária, “aquela praticada, em maior ou menor medida, por quase todos os membros de uma dada sociedade, independentemente de sua condição social. [Ela é] o denominador comum, o conjunto de crenças, costumes, técnicas, normas e instituições conhecido e aceito pela grande maioria dos indivíduos da sociedade estudada”. (FRANCO JR, 2001, p.140)

A cultura intermediária era formada por textos literários influenciados tanto pela cultura eclesiástica quanto pela cultura vulgar:

Na literatura latina, ao lado de uma produção nitidamente clerical (crônicas, poesias de cunho clássico), havia uma de espírito popular (hagiografia) e outra erudita, mas antieclesiástica (goliárdica). Na literatura vernácula, havia gêneros com forte coloração clerical (canção de gesta, ciclo do Graal) e outros acentuadamente laicos (*lais, fabliaux*). Em termos culturais, portanto, e não apenas lingüísticos, boa parte da literatura da Idade Média Central estava na zona da cultura intermediária. (FRANCO JR, 2001, p.154)

Surgiram, assim, textos literários como a dita “matéria antiga” com raízes clericais, mas escritos em vernáculo, caracterizado como poemas longos inspirados na antiguidade. As canções de gesta, narrativas épicas em versos, caracterizado como feudal cristã ou laica e eclesiástica, não possuíam definição ao certo de sua origem. Algo a salientar sobre esse gênero é que:

no momento em que aparecia o primeiro exemplar do gênero, *A canção de Rolando*, por volta de 1100, completava-se a cristianização do cavaleiro feudal. A cerimônia de sua armação era clericalizada e ganhava peso de sacramento. Ele colocava-se a serviço de Deus, na luta contra o infiel e o injusto. A literatura criava um tipo ideal que a Igreja esperava ver concretizado nas Cruzadas: o herói tornava-se o correspondente laico do santo. (FRANCO JR, 2001, p.155)

Outros textos pertencentes à cultura intermediária foram a lírica trovadoresca, e os *fabliaux*. Nascida em meados do século XII, a lírica

trovadoresca possuía como características a exaltação ao amor, a submissão do poeta a sua senhora, mostrando uma relação de vassalagem para com a senhora admirada. Essa senhora era vista quase sempre como uma virgem intocada, e o trovador um nobre feudal. A trova possuía um teor sensual, às vezes erótico e antimatrimonial. Os *fabliaux* eram pequenos contos em verso, formalmente simples e de comicidade grosseira e mesmo obscena, que apareceram no século XIII no norte da França.

Sem saber ao certo o gênero literário, porém próximo aos *Fabliaux*, encontrava-se o *Roman de Renart*. Era um conjunto de contos franceses que misturava fábulas greco-romanas e lendas folclóricas. Seus personagens são animais, e possui um teor satírico, ironizavam a sociedade feudal da época.

Existia também a literatura produzida pelas místicas medievais que viviam em comunidades religiosas, chamadas beguinagens. Suas obras tiveram um papel importante na consolidação das línguas vernáculas, por meio de textos, cartas, visões, poemas, etc. Como autoras dessa vertente podemos destacar Marguerite Porète, autora de *Le mirouer de âmes simples et anientis et que seulement demeurent em vouloir et desir d'amour*, e a mística Hadewijch, que deixou um vasto e rico material, que compreende 31 cartas, 61 poemas, alguns traduzidos para o Português.

Um dos gêneros mais cultivados na Baixa Idade Média foi a novela de cavalaria, e sobretudo aquelas baseadas na “matéria da Bretanha”. Essas narrativas de raízes folclóricas advindas da tradição oral apresentaram três grandes ciclos:

O primeiro desenvolveu-se em torno da figura (histórica?, lendária?) do rei Artur e seus cavaleiros da Távola Redonda, nos romances de Chrétien de Troyes (1135-1183). Mais tarde, no século XIII, ocorreu certa clericalização desse tema, deslocando-se o eixo da narrativa do rei para o Graal, vaso mágico da mitologia celta transformado no cálice que recolhera o sangue de Cristo na cruz. O segundo ciclo tratava do amor — adúltero para a Igreja, puro para os leigos — de Tristão e Isolda. O terceiro reunia, através de Maria de França, em 1175, vários *lais* bretões, quer dizer, pequenas narrativas rimadas, musicadas, de origem folclórica. (FRANCO JR, 2001, p.155)

Vemos, assim, que grande parte da literatura medieval que estudamos hoje pertenceu à cultura intermediária que traz consigo características laico-clericais. Apresentaremos, a seguir, alguns elementos presentes na Literatura e na cultura de uma forma geral no final da Idade Média, período em que se situa a obra *A Demanda do Santo Graal*, objeto de nossa pesquisa.

I.2. O maravilhoso cristão e o além-túmulo no imaginário medieval

Diante da variedade de temas e gêneros encontrados na Literatura Medieval, um dos aspectos mais intrigantes desse período literário é o elemento “maravilhoso”. Pretendemos, neste tópico, dissertar sobre alguns conceitos, tais como: maravilhoso, imaginário e além-túmulo, que serão relevantes para fundamentar a análise da novela de cavalaria, objeto de nossa pesquisa.

1.2.1 O Maravilhoso no imaginário medieval

As novelas de cavalaria, como a *Demanda do Santo Graal*, servem como um terreno fértil para a exploração do sobrenatural e do imaginário medieval na literatura. O conceito de imaginário está intimamente ligado ao sistema de valores individuais e sociais, os sentimentos, medos, sonhos, heranças; enfim, manifestam a forma como o homem vê a si próprio, o outro e o mundo que vive. Segundo Schmitt, o imaginário caracteriza-se por:

uma realidade coletiva que consiste em narrativas míticas, em ficções, em imagens, partilhadas pelos atores sociais. Toda sociedade, todo grupo constituído produz um imaginário, sonhos coletivos garantidores de sua coesão e de sua identidade. (SCHMITT, 2007, p.351)

Para Morás (2001) o imaginário ainda seria:

o conjunto composto de toda e qualquer construção mentalmente estruturada que se efetiva a nível das relações sociais e/ou da visão de mundo de forma a permitir uma apropriação do real. Todas as sociedades humanas são, de certo modo, socialmente imaginadas, porque dependem de criações fictícias para justificar os aspectos ontológicos e normativos de sua constituição (MORÁS, 2001, Apud SANT'ANA, 2015).

O modo como enxergamos o mundo ou a sociedade em que vivemos é interligado com a imagem que nos é transmitida pelo nosso interior e alimentada por imagens exteriores percebidas pelos nossos sentidos como podemos observar na afirmação de Schmitt (2007) a seguir, onde o medievalista distingue imaginário de imaginação:

A imaginação, é feita de imagens interiores e imateriais. E se alimenta de imagens exteriores e materiais, percebidas pelos sentidos, por sua vez "desrealizadas", apropriadas de mil maneiras. O pensamento medieval da *imaginatio* não a ignorou. Se a Igreja medieval conferiu um papel crescente às imagens no culto e na devoção, foi porque as imagens, mais do que a palavra dos pregadores (a leitura dos livros não sendo acessível senão a uma pequena minoria), exercia sobre a imaginação dos fiéis uma ação decisiva considerada benéfica. (SCHMITT, 2007, p.353, 355)

Com base nesta conceituação passaremos a analisar o maravilhoso que existiu na Idade Média, bem como suas origens, significados e influência.

Em *A demanda do santo graal*, o imaginário que circunda a obra, está ligado à cristianização da matéria da Bretanha ao chegar a Portugal no século XIII, e às tradições pagãs, principalmente de origem céltica. As novelas de cavalaria possuíam uma narrativa didática moralista e tinham o intuito de disciplinar através da arte. Segundo Le Goff:

a civilização medieval era profundamente fascinada pelo sobrenatural e pelo extraordinário. O maravilhoso medieval adentrava as fronteiras do natural e do sobrenatural, além de pôr em questão as relações do homem com Deus, com a natureza e com o Diabo. (LE GOFF, 2002, Apud SANT'ANNA, 2015)

Sendo assim, as aventuras narradas na *Demanda*, na maioria das vezes, possuíam caráter maravilhoso, ou seja, feitos admirados pela surpresa e grandiosidade, que levam em questão a dúvida entre ser uma maravilha de Deus ou o engano do diabo. A incerteza entre ações de Deus ou do diabo no decorrer da narrativa abre a necessidade de o cavaleiro medieval discernir o *miraculous*, *mirabilis* e *magicus* dentro da obra. Le Goff explica:

[...]. Um conjunto, uma coleção de seres, fenômenos, objetos, possuindo todos a característica de serem surpreendentes, no sentido forte da expressão, e que podem estar associados quer ao domínio propriamente divino (portanto próximo do milagre), quer ao domínio natural (sendo a natureza originalmente o produto da criação divina),

quer ao domínio mágico, diabólico (portanto uma ilusão produzida por Satã e seus seguidores sobrenaturais ou humanos) (LE GOFF 2002, Apud SIQUEIRA,2012, p.88).

Esses três domínios distintos explicados por Le Goff (2002), diz respeito às formas pré-cristãs e cristãs para explicar o maravilhoso. O *miraculosus* é classificado como maravilhoso cristão, sendo os milagres sua forma materializada, o *magicus* seria o maravilhoso ligado aos domínios do diabo, e o *mirabilis* corresponde ao maravilhoso com origens pré-cristãs, por exemplo os objetos e seres mágicos, deuses ou semideuses. No decorrer da Idade Média, o maravilhoso tornou-se autoria somente de Deus ou de seus auxiliares, santos e anjos, para o fim já esperado: o milagre.

As aventuras de cavalaria estão repletas de fatos maravilhosos ocorridos no decorrer de suas narrativas. Esses acontecimentos maravilhosos aparecem de variadas formas como: sonhos, aparições e visões reais ou não. Os lugares mais favoráveis para a manifestação do maravilhoso são os espaços distantes e desconhecidos, como: castelos, florestas, rios, torres, túmulos, ilhas, fontes, árvores, todos são espaços favoráveis ao maravilhoso:

O espaço da floresta, dos campos, dos jardins, do senhorio e da vila é a moldura, simultaneamente geográfica e imaginária, em que se enquadra a vida dos homens e das mulheres da Idade Média. Esses espaços, lugares de trabalho e práticas sociais, são altamente simbólicos, recheados de medos, desejos, sonhos e lendas. (LE GOFF, 1994, p. 25).

Durante toda a Era Medieval, o imaginário apresentou-se tanto nos domínios da cultura pagã quanto nos domínios da cultura cristã, no entanto como diz Siqueira:

é na transição do século XII para o XIII que eventos maravilhosos têm seu ápice no imaginário coletivo, quando a diferenciação entre o maravilhoso divino e o diabólico torna-se uma preocupação constante, abrindo passagem para a criação de histórias exemplares como as aventuras vividas pelos cavaleiros em demanda. (SIQUEIRA,2012, p.88)

Com essa grande preocupação em doutrinar o povo e estabelecer a igreja cristã, a literatura e a arte passaram a ser uma peça fundamental para difundir os conceitos de salvação e Inferno pregados pelo cristianismo. A literatura passa então a ser uma mescla de crenças da cultura folclórica pagã com a cultura

eclesiástica, que diferiam entre si, apesar da proximidade. De acordo com Le Goff

Enquanto as crenças populares baseavam-se na ambigüidade de forças da natureza simultaneamente boas e más, o Cristianismo buscava impor uma rígida separação entre bom e mau, alto e baixo, Céu e Inferno (LE GOFF, 1993, Apud ZIERER, 2004, p.24).

A princípio, a igreja dividia o além-túmulo em dois espaços, Paraíso e Inferno. Durante muito tempo predominou o conceito de que haveria para os justos um lugar de prazeres após serem levados dessa vida e um local de castigos, no qual os pecadores sofreriam o tormento eterno após a morte, até a segunda vinda de Cristo, quando os bons e os maus seriam separados e receberiam suas recompensas eternas. Os bons receberiam a salvação da alma e os maus seriam esquecidos no inferno para seu tormento:

O cristianismo é uma religião de salvação, aquela que teve maior sucesso por volta do início da era cristã, época que já foi qualificada como “idade da angústia”. A preocupação dos homens e mulheres com pós-morte ocupava então um lugar essencial. Tal cuidado não concernia somente ao “estado” dos indivíduos, mas também à localização de suas vidas futuras. O cristianismo professa a ressurreição dos corpos, cujo modelo e garantia é a ressurreição de Jesus após sua morte terrestre na cruz. O destino da humanidade ressuscitada não depende apenas da vontade de Deus todo-poderoso, pois este respeita as regras que fixou, fazendo a situação dos homens e mulheres no Além depender de como se comportaram durante a vida terrena. Um sistema binário distingue e opõe os lugares do Além e seus habitantes humanos. Depois da ressurreição, que ocorre no fim do mundo, os “bons” vivem eternamente num lugar de delícias, o Paraíso, enquanto os ‘maus’ são condenados a permanecer também eternamente num lugar de suplícios, o Inferno. No fim dos tempos, um julgamento final presidido por Cristo deve enviar, de forma definitiva e por toda eternidade, os bons para o Paraíso e os maus para o Inferno. (LE GOFF, 2002, p.21)

A questão da Salvação estava ligada diretamente à graça e ao livre arbítrio do homem. Para conquistar a salvação um aspecto muito importante eram as ações dos fiéis enquanto viviam na carne. Se o seu proceder o afastava das doutrinas cristãs, como por exemplo: rezar, ir à missa, louvar a Deus, dar seus bens, etc, com toda certeza suas almas já estariam condenadas ao inferno. Mas se obedecessem aos ensinamentos da igreja a salvação e seu lugar no paraíso estariam garantidos. De acordo com Zierer:

Um elemento crucial para obter a salvação segundo o pensamento medieval consistiria na purificação do corpo, daí o fato de que as virgens e os monges eram modelos mais admirados socialmente, pois se considerava que aqueles capazes de se afastar das tentações ou prazeres (como o sexo ou as bebidas alcoólicas) conseguiriam atingir o paraíso. (ZIERER, 2013, p.131)

A preocupação do clero era resgatar os fiéis do caminho do pecado, levando-os a desenvolver as virtudes através do caminho para a salvação. Por esse motivo, a necessidade de ensinar a respeito do inferno e o que ocorreria com as almas que ali entrassem. Segundo Le Goff:

A peça essencial do sistema não foi o Paraíso, mas o Inferno. A Igreja católica para incitar os fiéis a trabalhar por sua salvação, apresentava-lhes mais o medo do Inferno do que o desejo do Paraíso. Diante da morte, eles temiam menos a própria morte do que o Inferno. Assim se instala, apesar de algumas nuances, um cristianismo do medo. Essas práticas mostram como a Igreja medieval utiliza o Além para assentar sua dominação sobre os cristãos e justificar a ordem do mundo pela qual ela vela. Em seu ensinamento sobre o Juízo Final, ela dá um papel essencial, como porteiro do Paraíso, a São Pedro, o chefe da Igreja. Sobretudo, em sua pastoral ela põe em evidência, notadamente na pregação, a função do Além criado por Deus para corrigir as desigualdades e as injustiças da sociedade terrena. Lembrando que todos os homens são irmãos, filhos de Deus, e a seus olhos desiguais apenas por sua fé e seu comportamento, ela acalmava os excessos dos poderosos e dos maus daqui de baixo, mas sobretudo a impaciência dos pobres e dos oprimidos, pela evocação dos misericordiosos. (LE GOFF, 2002, p.30)

O domínio da Igreja sobre a sociedade medieval baseava-se na preocupação dos fiéis com Além-túmulo. Os homens e mulheres, por medo de irem para o inferno, submetiam-se às exigências e afirmações do clero. O Inferno era visto como espaço de sofrimento perpétuo da alma dos maus cristãos, que são torturados pelos demônios:

O Inferno é caracterizado por um fogo sempre renascente que queima ininterruptamente os danados, emitindo apenas fumaça enegrecida e iluminando com vermelhidões horríveis um mundo de trevas, de gritos, de ruídos apavorantes, de fedor. É um Inferno vermelho e negro. O pior é que os danados sofrem perpetuamente os cruéis suplícios infligidos por horrendos demônios. Quando se entrevê a paisagem, ela é horrível, composta de montanhas escarpadas, de vales profundos, de rios e lagos fétidos, cheia de metal em fusão, de répteis e de monstros. Chega-se a esse Inferno seja pela queda em um poço, seja pela prova, impossível de vencer, de caminhar sobre precipícios por uma ponte cada vez mais estreita e mais escorregadia. Algumas vezes, o Inferno é dividido em diversos recintos, encerrando as diferentes categorias de pecadores condenados: outras vezes, é um só lugar, mas estruturado em círculos especializados segundo o castigo infligido aos danados,

ou em planos cada vez mais escuros e ardendo que conduzem ao último e mais profundo, onde reina Satã em pessoa. (LE GOFF,2002, p.29)

Esta visão do Inferno e a descrição do Diabo como um ser animalesco, horroroso, monstruoso, cruel e inimigo da virtude e do bem, e que direcionava os homens ao pecado, tornou-se cada vez mais forte na era medieval. Essa descrição começou a ser desenvolvida nos anos mil:

Ao longo da Idade Média, a importância da figura do Maligno é constantemente reforçada, tanto nos textos como nas imagens, nas quais ele só aparece a partir do século IX. No mais, é somente por volta do ano mil que encontra um lugar digno dele, quando se desenvolve uma representação específica que sublinha sua monstruosidade e sua animalidade, manifestando assim seu poderio hostil de modo sempre mais insistente. (BASCHET,2006, Apud ZIERER, 2013, p.133)

Por meio da literatura, a igreja buscava enfatizar a visão a respeito do Diabo, colocando-o como inimigo da retidão, condutor ao pecado e comandante dos demônios no inferno. Essa figura do Maligno era utilizada pela instituição com o intuito de levar as pessoas a acreditarem que somente a obediência às virtudes cristãs e a devoção a Deus poderiam salvá-las dos castigos impostos no Inferno, fazendo com que o domínio eclesiástico se tornasse maior entre o povo.

O Paraíso, outra concepção do Além-Túmulo, não era tão difundido quanto à visão do inferno. Porém, havia uma descrição das atividades que aconteceriam e do lugar onde a alma dos justos repousaria:

O Paraíso é um lugar de paz e de alegria, desfrutadas pelos eleitos através de seus principais sentidos: flores e luz para os olhos, cânticos para os ouvidos, odores suaves para o nariz, gosto de frutos deliciosos para a boca, panos aveludados para os dedos (pois os pudicos eleitos vestem, em geral, belas togas brancas, só alguns artistas devolvem a eles a nudez da inocência do Paraíso terrestre antes da Queda). Algumas vezes, o Paraíso é circundado de altos muros de pedras preciosas e compreende espaços concêntricos protegidos, eles também, por muros, cada espaço mais luminoso, mais perfumado, mais saboroso, mais harmonioso, aproximando-se do centro em que reside Deus e que mantém reservada a visão beatificada. (LE GOFF, 2002, p.28)

A visão de paraíso e inferno ficou intacta até meados do século XII, quando mudanças na Igreja e na sociedade pediram uma transformação no conceito binário do Além. O conceito de Purgatório, terceiro lugar do Além-

túmulo, seria um lugar de purgação dos pecados. Local este que era provisório de castigos para os pecadores antes da sua chegada ao Paraíso. Com isso, agora todos os cristãos teriam a chance de alcançar o Paraíso, uns diretamente, outros passando pelo lugar de intermédio. Le Goff ainda acrescenta que:

Intermediário entre Paraíso e Inferno, lugar que desaparecerá no Juízo Final, esvaziado de seus habitantes, todos levados ao Céu. O tempo de estadia no Purgatório dependia de três fatores. Ele era, primeiro, proporcionais à quantidade de pecados (chamados doravantes “veniais”, isto é, remissíveis, por oposição aos pecados mortais, irremissíveis para evitar o fogo do Inferno) dos quais o defunto estava carregado no momento de sua morte. Dependia, em seguida, dos “sufrágios” (preces, esmola e missas) que os vivos, parentes ou amigos, pagavam para abreviar o tempo de purgatório de certas “almas”. Por fim a Igreja, mediante pagamento em dinheiro podia obter para certos defuntos o perdão integral ou parcial de seu tempo restante de purgatório. Tais foram as “indulgências”, que a igreja tornou objeto de um comércio cada vez maior a partir do século XIII. O Purgatório, enfim era de sentido único: não se saía dele senão para ir ao Paraíso, não se podia “retroceder” para o Inferno. (LE GOFF, 2002, p.31)

Portanto, a criação de um terceiro lugar no além-túmulo, que esvaziava o inferno e que possuía uma estrutura mais complicada e flexível para a condenação humana, foi de suma relevância para a sociedade e a Igreja na era medieval. O Purgatório deu à igreja um poder que antes somente Deus possuía, o poder de perdoar pecados, por meio das indulgências e sufrágios feitos pelos vivos.

Com o intuito de entendermos a visão de mundo medievalista, seguiremos o que afirma Le Goff “que as fontes literárias e artísticas são privilegiadas no estudo do imaginário (LE GOFF, 1994, Apud ZIERER, 2013, p.130). Sendo assim, propomos no capítulo seguinte analisar a novela de cavalaria mais célebre da Literatura Portuguesa, *A Demanda do Santo Graal*.

3 CAPÍTULO II. O MARAVILHOSO NA DEMANDA DO SANTO GRAAL

1. Visão geral de *A Demanda do Santo Graal*

A Demanda do Santo Graal, o segundo livro do ciclo da Matéria da Bretanha em língua portuguesa, é uma novela de cavalaria do século XIII e se

insere num período de prosificação e cristianização do ciclo arturiano. Também denominado de ciclo da *Post-Vulgata*, o manuscrito circulou em Portugal em meados do século XIII e serviu como instrumento de propagação de ideais clericais interessados em conter o comportamento humano ligado aos pecados da carne, julgados como o principal motivo de desvio do homem do caminho de Deus.

O cerne da obra é a busca pelo graal, cálice sagrado, no qual estaria o sangue de Cristo recolhido na cruz, que alimenta o homem física e espiritualmente. A demanda é feita pelos 150 cavaleiros de Artur, após a aparição do vaso sagrado aos cavaleiros reunidos na tábola redonda. Porém, nessa longa aventura, os cavaleiros terão que provar seu merecimento para alcançar tão grande graça. Por fim, apenas doze desses cavaleiros poderão ver novamente o graal, pois se mostraram puros e mantiveram a fé para ver o cálice.

A novela ilustra a cavalaria como meio de vida exemplar, não só exigindo dos cavaleiros qualidades como altruísmo, coragem, força e lealdade, mas o heroísmo, em comunhão com a obediência a Deus e à castidade, para a concretização da demanda e merecimento da graça espiritual. Como podemos observar nas palavras do ermitão:

- Cavaleiros da tábola redonda, ouvi. Vós jurastes a demanda do santo graal. E Nascimento, o ermitão, vos manda dizer por mim que nenhum cavaleiro desta demanda leve consigo mulher nem donzela, senão fará pecado mortal. E não seja tal que nela entre, se não for bem confessado, porque em tão alto serviço de deus como este, não deve entrar se não for bem confessado e bem comungado e limpo e purificado de todos os danos e de pecado mortal; porque esta demanda não é de tais obras, antes é demanda dos segredos e das coisas escondidas de Nosso Senhor, que fará ver conhecidamente ao bem-aventurado cavaleiro que ele escolheu para seu servo entre todos os cavaleiros terrenos, ao qual mostrará as grandes maravilhas do Santo Graal e lhe fará ver o que o coração mortal não poderia pensar, e língua humana não poderia dizer. (DSG, 1988, p.47-48)

Dessa forma, a busca pelo graal seria na verdade uma busca vitoriosa por Deus e pela salvação simbolizada pelo cálice sagrado. Essa conquista viria somente através de sacrifícios e abnegações dos prazeres da carne. Sendo assim, apenas um cavaleiro puro e honrado chegaria até o vaso sagrado, já que largar as coisas do mundo e estar completamente voltado para esta demanda é obrigação imposta desde o começo da jornada, sendo apenas Galaaz a alcançar

todas as qualidades necessárias na aventura para receber a graça de ver o Graal.

A narrativa traz consigo a visão que o homem tinha do mundo, dos valores, crenças, sentimentos e medos, transformando-se assim em um terreno fértil para o estudo do maravilhoso.

2 Miraculous x Magicus nas aventuras dos cavaleiros em busca do Graal

Apontaremos agora os elementos do maravilhoso e alguns aspectos do imaginário medieval encontrados na novela de cavalaria *A Demanda do Santo Graal*, texto de caráter místico-religioso, no qual algumas aventuras e personagens da trama estão envolvidos com o sobrenatural. A maior parte das motivações da *Demanda do Santo Graal* se associa ao conceito de *miraculous*, ou *magicus* graças ao teor moral e doutrinário do cristianismo, fazendo com que as maravilhas naturais não possuam destaque nas decorrentes aventuras. Ao contrário do que ocorre com as primeiras novelas de cavalaria, como é o caso de *Tristão e Isolda*, ou *Lancelot le Chevalier de la charrete*, que são pautados por acontecimentos envoltos pelas maravilhas da natureza como poções mágicas, objetos mágicos, animais fabulosos, e demais conceitos das tradições pagãs. Devido a isto, não iremos fazer uma análise do *Mirabilis* no romance, por se tratar apenas de traços que já serão expostos juntamente com os conceitos de *Miraculous* e *Magicus*, no decorrer do trabalho.

2.1 Miraculus e as condutas dos cavaleiros cristãos

Em toda a narrativa é possível notar que há uma busca pelo ideal de cavaleiro professado nos séculos XII-XIII. Um cavaleiro cheio de virtudes cristãs que passaria pelas adversidades para provar seu valor. Le Goff diz:

Não foi por acaso que o maravilhoso desempenhou tão grande papel nos romances corteses. O maravilhoso estava profundamente integrado na busca de identidade, individual e coletiva, do cavaleiro idealizado. As provas do cavaleiro passam por toda uma série de maravilhas (LE GOFF, 1994, Apud SANT'ANNA, 2015).

Uma das primeiras manifestações do maravilhoso é o aparecimento do cavaleiro Galaaz na corte do rei Artur (Cap. III), para ocupar o assento perigoso, predito por Merlim e todos os profetas como assento do escolhido por Deus. Enquanto todos os demais cavaleiros estavam reunidos no paço em volta da tábua, eis que se questionavam a quem pertenceria o assento perigoso, quando sem que ninguém esperasse todas as portas se fecham, os cavaleiros ficam mudos e com um raio de luz sobre si aparece Galaaz, deixando todos sem saber por onde ele entrou. Os cavaleiros veem o ermitão entrar pela porta anunciando que o cavaleiro era o dono do assento perigoso, vindo da linhagem do rei Davi e de José de Arimatéia. Todos ficam maravilhados com o ocorrido e Artur reconhece Galaaz como o dono do assento e o escolhido para acabar com as aventuras do Graal:

O rei assim que viu no assento perigoso o cavaleiro de quem Merlim e todos os profetas falaram na Grã-Bretanha, então bem soube que aquele era o cavaleiro por quem seriam acabadas as aventuras do reino de Logres, e ficou com ele tão alegre e tão feliz, que bendisse a Deus: (DSG, 1988, p.36)

Um outro acontecimento que passa pelo domínio do maravilhoso é a aventura da espada sobre a pedra (Cap. III). Esta arma encantada, que tinha como objetivo identificar o melhor dos melhores cavaleiros do mundo, somente poderia ser retirada pelo cavaleiro escolhido. Galaaz, pelo pedido do rei Artur, retira a espada pelo punho tão facilmente como se não estivesse preso a nada, e assim mais uma vez prova que é o cavaleiro escolhido para acabar com as aventuras do Graal. Igualmente, por intervenção do sobrenatural, Galaaz recebe um escudo das mãos de um ermitão, escudo esse com poderes miraculosos (capítulo VIII). A cada aventura, Galaaz prova seu valor e agrega a si virtudes cristãs que o qualificarão para ser o escolhido como o melhor cavaleiro do mundo.

Outra aventura que ilustra a concepção de *miraculous*, é a cura que Galaaz realiza em uma mulher nobre, que estivera doente há dois anos, por interferência divina, no capítulo LV

Então foi à câmara onde a mulher estava e acharam-na ainda nas correntes. E assim que ela viu Galaaz, começou a dizer:
-Ai, Galaaz! santa pessoa e bem-aventurado corpo, limpa carne e cheia de santa graça, abençoada seja a hora que nasceste e bendito seja Deus que aqui te trouxe, pois por tua vinda me aconteceu tão grande bem, que estou livre do mau companheiro que tinha, e longamente

esteve comigo. Este foi o diabo que dois anos me teve e mais e a mim tem feito muito mal. Livra-me, se te apraz, que destas correntes, porque, se deus quiser, não haverá mister jamais nelas que metam, graças a Deus e a vós.

E Galaaz agradeceu muito a Nosso Senhor e disse:

- Ai mulher! A mim não agradeçais, mas a Jesus Cristo, que vos isto fez, que tem pena dos pecadores quando lhe apraz. (DSG, 1988, p.310)

Este episódio na Demanda demonstra a semelhança entre Galaaz e Jesus Cristo, pois como Cristo possuía o poder de expulsar demônios com sua presença, como é descrito na Bíblia, Galaaz também expulsa o demônio dessa mulher e a cura, assemelhando-se ao milagre cristão.

Do domínio do *miraculous*, além da cura realizada por Galaaz, é relatada pelo rei Peles uma história a respeito de uma rainha chamada Genevra, (Cap. LXXVIII) que era “rainha de boa terra e vivia vida tão boa e tão gloriosa, que vivendo entre seu povo, amava-a muito Nosso Senhor e bem lho mostrou em muitas coisas. ” (DSG, 1988, p.462). Essa rainha tinha quatro filhos e uma filha muito formosa. Sua filha apaixonou-se por um cavaleiro, porém o rei não aprova essa relação, devido a isso o cavaleiro entra na câmara do rei e mata-o com uma apunhalada no peito, ao se assustar com seu feito, deixa cair a arma sobre a rainha que dormia. A filha percebe que o rei está morto e começa a lamentar, quando seus irmãos a ouvem e entram na câmara do rei. Ao adentrar veem a arma nas mãos da rainha e acreditam que foi ela quem matou o rei. Os filhos tomam então a decisão de enterrar a mãe viva e colocar uma lápide sobre ela. Mas o que acontece no local onde foi enterrada é o que qualifica o *miraculous*:

Deste modo cuidaram os filhos matar sua mãe. Mas o Nosso Senhor que ela servia de todo coração, não lhe esqueceu lá onde ficou presa, antes começou por ela a fazer milagres e tão formosas virtudes, que vinha gente de todas as partes do reino de Logres. E não vinha tão fraco e tão enfermo e tão machucado que fosse, que não recebesse saúde. E com tudo isso manteve-a Nosso Senhor, lá onde está, com o pão do celestial até que chegaste a Corberic. Mas se está agora morta ou viva, isto não sei. (DSG, 1988, p.463)

Essa passagem nos mostra a transformação da rainha em uma santa, que mesmo após a morte injustiçada, foi dado a honra de ser lembrada por Deus e realizar milagres. Algo importante a se observar é a afirmação final do rei Peles que diz que “manteve-a Nosso Senhor, lá onde está, com o pão do celestial (...),

mas agora se está morta ou viva, isto não sei. ” (DSG, 1988, p.463). Deixando-nos o questionamento se a rainha não foi levada ao Paraíso Celestial e compartilha da presença de Deus, assim como todos os santos.

Como último exemplo do *miraculous* no romance de cavalaria, temos por fim o aparecimento do Graal para os três cavaleiros escolhidos, sendo um deles o melhor cavaleiro do mundo (Cap. LXXIX). Após percorrerem tão grande jornada, os três escolhidos chegam a uma praia e entraram em uma nave. Sobre um leito eles encontram o objeto tão desejado, e é então nessa ocasião que o *miraculous* realiza-se, pois, ao observar que Galaaz passa a viagem até Sarraz orando, Persival pede que lhe diga por que orava tanto, a resposta de Galaaz é:

Àquela hora que vimos uma parte das maravilhas do santo Graal, que deus nos mostrou por sua piedade, vi umas coisas maravilhosas escondidas, que não são mostradas a qualquer pessoa. E vi tais coisas que língua não poderia contar nem coração sentir, e meu coração ficou em tão grande alegria e tão grande prazer, que, se então morresse, nunca alguém teria morrido em tão grande prazer como eu, porque vi tão grande companhia de anjos e tantas coisas espirituais, que, se então morresse, iria logo para perdurável vida dos gloriosos mártires e dos verdadeiros amigos de Nosso Senhor. E por isso fazia o rogo que ouvistes. E por isso ando ainda em tal estado que morro, vendo as maravilhas do santo Graal. (DSG, 1988, p.464)

Neste trecho vemos que Galaaz, como cavaleiro escolhido, vê em revelação o Reino Celestial, o Paraíso definitivo, no qual após sua morte iria regozijar da companhia de anjos e dos reais amigos de Nosso Senhor. O Paraíso visto pelo cavaleiro só podia ser visto por alguém escolhido a adentrá-lo. A esta definição Zierer acrescenta:

O Paraíso é o local definitivo da salvação. Deus auxiliado por anciãos e por anjos e envia avisos à humanidade para que se arrependam dos pecados pois o Juízo Final haverá a separação definitiva, com felicidade suprema aos bons e a danação eterna aos maus. (ZIERER, 2013, p. 79)

Logo depois desta visão do Paraíso, o melhor dos melhores cavaleiros do mundo morre ascendendo aos céus e junto consigo o Graal (Cap.LXXX):

E tão logo ele morreu, aconteceu uma grande maravilha, Boorz e Persival viram que veio do céu uma mão, mas não viram o corpo de quem era a mão, e tomou o santo Vaso e levou-o para o céu com tão grande canto e com tão grande alegria, que nunca alguém viu mais agradável coisa a ouvir, assim como nunca houve quem na terra depois pudesse dizer com verdade alguma vez também viu. (DSG, 1988, p. 468)

Este fato mostra a nós leitores que nem todas as pessoas estavam aptas a usufruir das maravilhas do Graal, que é arrebatado ao céu juntamente com a alma de Galaaz.

Existe na narrativa uma luta constante entre o maravilhoso divino e o maravilhoso diabólico. Deus para proteger seus eleitos de caírem nas armadilhas do diabo, manda sinais ou mesmo fala com os cavaleiros em demanda. Já o Diabo usa de suas persuasões e camuflagens para leva-los ao pecado e impedi-los de alcançar o Graal.

Um dos exemplos dessa luta entre o bem e o mal, é a aventura/provação que o cavaleiro Persival (Cap.XXXVIII) enfrenta ao encontrar-se com uma mulher dormindo em um leito de uma tenda na praia. Apesar de ser um cavaleiro de índole digna e pura, e por seguir a virtude da castidade, Persival será tentado pelos artifícios do diabo, que usará a figura feminina e seus encantamentos para o desencaminhar do ideal da demanda.

Ao chegar a uma praia, Persival contempla uma tenda muito formosa e rica. E ao dirigir-se à tenda e adentrá-la, se depara com uma linda donzela que dormia “e era tão formosa, que lhe pareceu mais formosa que a rainha Genevra e que a rainha Isolda, e que a formosa filha do rei Peles; porque lhe pareceu que desde que o mundo foi feito, não houve mulher tão formosa, ” (DSG, 1988, p.211). Tal descrição demonstra o tamanho do encantamento que a mulher desperta em Persival e de como sua imagem dormindo causa-lhe a visão da mulher idealizada. A novela continua a apontar as evidências das artimanhas do diabo agindo sobre os cavaleiros:

Persival olhou a donzela que lhe pareceu tão formosa, que nunca vira donzela, cuja beleza chegasse à beleza que nela viu. Então começou-lhe a mudar o coração muitíssimo, que todo seu costume passou, porque o seu costume era tal que nunca olhava donzela por causa de amor, mas agora estava assim tocado de amor, que não desejava nada no mundo; assim que viu esta donzela, parecia-lhe que fora em bom dia nascido, se pudesse ter seu amor. E ela lhe disse:

-Senhor, que conselho me dais sobre aquilo que vos disse? E ele respondeu assim como lhe o demo ensinava a cumprir seu desejo e prazer:

-Donzela, não sei o que vos diga, mas se quiserdes fazer o que vos direi, aconselharei de modo que vos tenhais por muito bem paga.

- Senhor, disse ela, não há nada no mundo que por vós não faça, salvante minha honra.

E ele não respondeu àquilo mas demandava-a de amores, e disse que, se quisesse ser sua amiga, a tomaria por mulher e a faria ser rainha de terra muito rica e boa. (DSG,1988, p. 212)

O cavaleiro dominado por amor e desejo cogita em seu coração abandonar seus votos de castidade e sua busca pelo Santo Graal para tomar a donzela por mulher. Ao assim cogitar tal desejo, transgride a conduta de cavaleiro cristão passando para uma condição de pecador entrega-se aos prazeres da carne, sendo impedido de alcançar o objetivo da demanda. Contudo quando Persival está prestes a ceder aos prazeres mundanos, Deus interfere:

E ele estando nisto falando, eis que vem do céu um tão grande ruído como se fosse um trovão, e fez tão grande rebuliço, como se movesse a terra, assim que Persival tremeu todo de pavor, e ergueu-se espantado, e ouviu a voz que dizia: “Ai, Persival, como há aqui tão mau conselho! Deixas toda alegria por toda tristeza, donde te virá todo pesar e toda má ventura.” (DSG,1988, 212-213)

Depois de ouvir a voz estrondosa de Deus, Persival caiu por terra desmaiado, no entanto logo que acorda e observa a seu redor, percebe que a donzela é o próprio demo, pois ela ri. Ao levar-se em consideração uma das características do diabo na Idade Média ser o riso zombador, nesse momento por medo Persival clama proteção a Jesus Cristo. É nesse instante que o maravilhoso acontece e a mulher transforma-se em “demo tão feio e tão espantoso, que não há no mundo ninguém tão valente que o visse, que não houvesse de ter grande medo” (DSG,1988, p.213). Como o cavaleiro implora a proteção de Deus, a intervenção do maravilhoso divino expulsa o demônio e ainda resgata Persival e o envia a uma nave branca, na qual encontrará Galaaz e Boorz.

A aventura de Persival exemplifica a luta que existe entre o bem e o mal, na qual Deus, para proteger seus eleitos, intervém por meio de mensagens ou conselhos, e usando até o *miraculous*, a exemplo de uma voz vinda do céu falando com o cavaleiro, para impedi-lo de cair nas tentações do diabo. Deus mostra então que suas ternas misericórdias estão prontas para atender os arrependidos de coração. Ao passo que a entrega aos prazeres da carne, torna os homens escravos dos domínios do diabo e os afasta de Deus.

2.2 *Magicus* e a atuação do Diabo na *Demanda do Santo Graal*

Assim como o *miraculus*, podemos identificar a presença do elemento *magicus* em algumas aventuras dos cavaleiros em busca do Graal. Uma delas é a história da fonte da virgem (Cap.XLVIII), que narra a aventura de Aglinda, uma donzela descrita como pura e religiosa, que em decorrência das estratégias ardilosas do diabo quase cai em desgraça.

Tudo se inicia quando seu irmão, em uma caçada, separa-se dos servos e cães e fica perdido em meio à floresta. O local onde ele se perde já é uma anunciação de que algo maravilhoso está para acontecer: na floresta sozinho, a fonte e o tempo de três dias a vagar pela floresta, demonstra o maravilhoso diabólico. Após passar três dias perdido, o rapaz encontra junto à fonte o diabo que lhe apresenta como um homem sério e angustiado, e lhe relata a falsa história de que a donzela não é filha do rei nem da rainha, mas sim dele, trocada quando nasceu. Em meio ao discurso ardiloso do diabo e seus males físicos, o jovem acaba por se convencer de que é verdadeira a história relatada, e acaba por conceder ao pedido de levar à fonte sua irmã em troca de sua ida para casa. Após três dias, em uma cavalcada, o jovem leva Aglinda até a fonte. No caminho é despertado o desejo de tomar a própria irmã como mulher, pois não mais a enxergara como irmã, devido ao veneno do diabo incutido em seu coração. Diante da possibilidade do ato do incesto, Aglinda roga a Deus:

Quando a donzela viu que estava a ponto de perder o corpo e a alma, fez sua oração para que nosso Senhor a livrasse daquela desgraça; e assim que a fez, caiu ele logo por terra. Quando a donzela viu por tal desgraça seu irmão morto, houve grande pesar. E, enquanto ela pensava por qual ventura isso acontecera, disse-lhe uma voz: “Donzela boa e prezada, isto te fez o demo por te tirar a coroa das virgens, se o pudesse fazer.” (DSG,1988, p.260)

Ao chegar perto da fonte na qual sua filha está, o rei Narcor, escuta o relato dos acontecimentos e declara que seu filho serviu ao diabo. E que naquela fonte morava o demo. Essa aventura termina com Aglinda amaldiçoando a fonte, condenando todo e qualquer jovem que não fosse casto a ficar paralisado.

Como exemplo, esta aventura nos mostra que o poder de Deus sempre vence o do Diabo, e que a castidade era um elemento essencial na mentalidade cristã para alcançar a graça, na luta entre o bem e o mal.

Outro símbolo que representa o *magicus* é a besta ladradora, um ser monstruoso fruto do pacto com o diabo e da servidão a ele em troca de vantagens materiais (Cap.LXXVIII). A besta fruto de uma união demoníaca entre uma donzela e o próprio diabo representa não só o conceito de pecado, mas também a certeza de que monstros existiam não eram reais no imaginário medieval. O pensamento cristão sobre a figura do diabo é datado desde os anos mil, como um ser animalesco e monstruoso, é o que observamos nas palavras de Baschet:

A partir dos séculos XI e XII é descrito por monges como Raul Glaber e Guilbert de Nogent com aparência humana, mas deformado, corcunda e muitas vezes negro como um etíope. Inicialmente é pouco representado nas imagens visuais, mas desde o ano mil adquire traços animalescos: chifres, orelhas pontudas, asas de morcego, e a partir do século XIII desenvolve cauda, corpo peludo e garras de ave. (BASCHÊT,2002, Apud ZIERER, 2013, p.143)

A besta é vista diversas vezes pelos cavaleiros no decorrer da demanda, sempre anunciando o abominável e trazendo desgraças e morte. Galaaz, ao encontrar o rei Peles o questiona a respeito de três maravilhas, uma delas é sobre a besta ladradora. Então o rei Peles começa a contar a aventura. Contasse que existia um rei chamado Hipomenes que tinha uma filha muito formosa, e um filho que “de vida tão boa e tão gloriosa para Nosso Senhor, que maravilha; e com tudo isso era tão formoso e tão sisudo e de tão boa graça, que não há quem o conhecesse, que não maravilhasse de sua vida e seus feitos.” (DSG,1988, p.457). A donzela tinha os melhores mestres a lhe ensinar as sete artes e, ao completar vinte anos

Ficou tão entediada e tão sabia, que todos se maravilhavam de sua sabedoria, e nada lhe saberiam perguntar de ciência a que ela não respondesse longamente; mas não estudava em nenhuma arte de tão bom grado como a necromancia. A donzela era de bela aparência e alegre, e tinha maior gosto pelo mundo do deveria ter; e quando conheceu o que era amar, o amou seu irmão pela beleza e pela bondade que nele havia. (DSG,1988, p.457)

Esta passagem nos revela os primeiros pecados cometidos pela donzela: necromancia, que é a manipulação dos mortos para a arte de adivinhar, considerado pecado entre os cristãos, e o incesto considerado pecado grave aos olhos da Igreja. Notamos que na narrativa já nos esclarece a razão para tais pecados, a jovem amou o mundo. O amor ao mundo é o que leva os homens ao

afastamento de Deus, pois estão a mercê da carne e longe de uma vida espiritual.

Ao tomar conhecimento dos intentos da irmã, o jovem, assim descrito “aquele que era virgem e o queria ser todos os dias de sua vida e se punha a servir a Nosso Senhor com todas as suas forças” (DSG, 1988, p.457), a rejeita e ameaça mandar queimá-la. A moça não desiste e ainda tenta por meio de magia conquistar seu irmão. Todas suas tentativas são vãs, e como ato de desespero ela recorre ao suicídio. Cometendo assim mais dois pecados, o de manipular forças ocultas e o de atentar contra a própria vida, negando a vida como dádiva de Deus.

No mesmo instante o demo aparece e a convence a se deitar com ele para que ele à conceda os desejos de seu coração. A donzela entrega-se ao diabo, materializando assim sua entrega completa ao mal e a seus prazeres ilusórios. Para a conclusão do pacto, o diabo a ajuda a arquitetar a morte do próprio irmão. A donzela o acusa de estupro e o rapaz é condenado a uma morte horrenda escolhida pela donzela: ser devorado por cães em jejum de oito dias; no entanto, antes de morrer, ele profetiza o nascimento do filho da irmã:

E ao nascimento do que trazes, aparecerá que não foi de mim, porque nunca de homem ou de mulher nasceu tão maravilhosa coisa como de ti sairá; porque diabo fez diabo traz e diabo sairá em figura da besta mais descomunal que nunca se viu. E porque cães me fazes dar, terá aquela besta dentro de si cães que sempre ladrarão em lembrança e em memória dos cães a que me fazes dar. E aquela besta fará muitos danos a homens bons, e nunca deixará de fazer mal até que o bom cavaleiro, que terá nome Galaaz como eu, esteja nessa caça. Por ele e por sua vinda, morrerá o doloroso fruto que de ti sairá. (DSG, 1988, p.460)

Assim sendo, a jovem dá à luz a besta descomunal, cujos ladridos denunciam o sofrimento imposto ao irmão inocente. O rei, consciente do mal que fez, condena a donzela a uma morte mais horrível do que a infringida ao irmão inocente.

O Diabo, nessas façanhas demoníacas, consegue levar a propósito seus intentos de arrebatrar a alma do pecador e mortificar os justos, deixando-os fragilizados para assim os dominar. Seus artifícios prediletos são a tentações e enganos, que se tornam meios eficazes ao se deparar com cavaleiros de espírito fraco e mundano.

Lancelot é um desses cavaleiros fracos e mundanos. Apesar de sua coragem, lealdade e fé, Lancelot desde o começo da trama envolve-se em uma relação adúltera com a rainha Genevra, esposa de Artur, seu rei. Essa relação é totalmente condenada pela Igreja, que vê este ato como uma abominação e uma fraqueza da carne. Devido a isto, Lancelot em sonho vê seu terrível destino no inferno, não só o dele, mas o de Genevra também (Cap.XXVIII):

E Lancelot, que estas vozes tão doloridas ouvia, ficou tão espantado, que cuidava morrer de medo e rogava àqueles que o levavam, que o deixassem ir, mas eles não queriam, antes o levavam a uma cova muito escura e muito negra e cheia de fogo que cheirava tão mal, que maravilha era. E ele olhava na cova e via uma grande cadeira de fogo acesa, como se nela queimasse todo fogo do mundo. E no meio daquele fogo havia uma cadeira em que sentava a rainha Genevra toda nua e suas mãos diante do peito, e estava descabelada e tinha língua puxada fora da boca, e queimava-lhe tão claramente como se fosse uma vela grossa, e tinha na cabeça uma coroa de espinhos que ardia a grande maravilha e ela mesma queimava em todo o corpo ali onde sentava. Mas ela fazia um pranto tão grande e dava gritos tão grandes e tão doloridos, que bem pareceria a quem a ouvisse que por todo o mundo era ouvida. E quando via Lancelote, não podia suportar que lhe não dissesse ali onde estava em tão grande aflição. (DSG, 1988, p. 170-171)

A visão do além anuncia a Lancelote seu destino, caso não abandone seus pecados. Além de ter o risco de ser levado ao inferno, Lancelot também em vida é impossibilitado de ver o graal, já que este só pode ser visto pelos puros e dignos na carne. Ainda em sua visão Lancelot é chamado ao arrependimento por sua mãe, a rainha Helena, mostrando assim o teor doutrinário da demanda:

- Filho, em má hora te trouxe, pois quanto bem e com quantas boas habilidades te Deus deu, serviste o demo. Até aqui filho, Deus te fizera formoso e de melhor donaire do que outro cavaleiro, e tua beleza e tua graça estão perdidas, porque te meteste todo em serviço do demo, quando te ajuntaste com a rainha Genevra, que em má hora nasceu, e estás muito tempo, com ela contra Deus e contra o direito. Aquele pecado te porá em tão grande aflição ou em maior do que viste a rainha Genevra. Filho, estás morto e escarnecido e aquele pecado feio, que não deixas, te fará morrer em tão grande desonra, que todos da tua linhagem que estiverem vivos, ficarão por isso desonrados. E sabe que nenhuma bonhez humana poderia curar tão grande mesquinhez que por isso sofrerás, por pouco prazer e por pequeno que nisto tiveste, porque tal é a penitencia deste pecado, que o prazer não põe nisto conselho. E por isto te digo, amado filho, formosa criatura, que deixes aquele pecado, porque muito nele erraste contra Deus e contra o mundo, que

muito grande medo de seres por isso condenado. (DSG, 1988, p.172)

Apesar de toda a visão e do apelo da mãe como um porta-voz de Deus, ao clamar por arrependimento da parte de Lancelote, o cavaleiro não se arrepende de seus atos prontamente, mas arrebatada a rainha e foge com ela. Somente no fim da aventura é que ele se entrega ao arrependimento por meio de purificação entre os eremitas. E alcança a graça diante de Deus.

A imagem do eremita era tida como manifestação da religiosidade na Idade Média, e suas aparições no decorrer da demanda estão sempre ligadas à interpretação de sonhos ou anunciação de algo para ajudar os cavaleiros. No entanto em uma passagem do romance, um eremita aparece ligado ao conceito de purgatório, o terceiro lugar do Além.

Um eremita, ao encontrar-se com Persival (Cap.XXV), pede que o mesmo o abençoe, após assustar-se com tal pedido, pois como já mencionado a figura do eremita é associada a um grau alto de religiosidade, o eremita explica ao cavaleiro os motivos que o levaram a tal feito. O eremita relata uma visão na qual um cavaleiro, que passou um tempo com ele, mas havia morrido à três dias, vinha lhe informar que seu irmão falecido (que também fora eremita) estava no purgatório sofrendo à dois anos e ficaria naquele local ainda mais três anos, e que ele mesmo iria morrer daqui a dezessete dias. Em primeiro momento, o eremita se rebela contra Deus e pensa em cometer suicídio, mas ao se arrepender pede as bênçãos a Persival e alega que “certamente, se não fosseis santo homem e de santa Vida, e cheio da graça de Nosso Senhor, já por vós não haveria tão formosa aventura. Por isso pedi vossa benção, logo que entrastes, porque vos conheço e a vossa bondade melhor do que vós.” (DSG,1988, p.160)

As penas sofridas pelo eremita no Purgatório, deixa o seu irmão surpreso, e nos chama à atenção para o grau alto que é necessário para alcançar o Paraíso. O segundo eremita esclarece as qualidades do irmão:

E um meu irmão, que era muito bom cavaleiro, deixou o século por mim e entrou aqui para me fazer companhia e viveu comigo vinte e nove anos em tal vida como Deus sabe,- quando meu irmão morreu não há ainda dois anos, e morreu assim, como eu cuidava, em tão grande penitência e em vida tão boa e em tantas lagrimas, pedindo assim misericórdia a Nosso Senhor,- que eu não cuidava de nenhum modo que assim que a alma se lhe separasse do corpo, logo não estivesse

diante da face de Deus com grande companhia de anjos e arcanjos.
(DSG, 1988, p. 158)

O que este relato nos leva a crer é que as penitências e boas obras realizadas pelo eremita, durante os vinte e nove anos em que viveu com seu irmão em clausura, não foram o suficiente para que fosse levado para o Paraíso, mas também não o deixariam no inferno. Foi então necessário pagar no purgatório alguns pecados veniais de seu passado.

Assim, vemos que *A Demanda do santo Graal* representa a busca e estabelecimento do Reino Celeste na terra, representado pelo Vaso Santo, que alimentaria todos os anseios humanos daqueles que estivessem puros e dignos de vê-lo. Se por um lado o maravilhoso trouxe ao romance uma confirmação e realização dos feitos bons ou maus dos cavaleiros, identificando-os como dignos ou não de vislumbrar o Graal, serviu também para mostrar um mundo surpreendente do imaginário medieval, que na época era visto como o real.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da novela de cavalaria *A Demanda do Santo Graal*, podemos perceber algumas das representações do maravilhoso, suas origens, significados e influência no período medieval. Percebemos que o conceito de imaginário sempre esteve ligado aos valores de cada indivíduo e da sociedade em que está inserido, assim como seus sentimentos, medos, sonhos, heranças; todos são manifestações do que o homem vê de si mesmo, do outro e do mundo. Quanto à origem do maravilhoso no romance, está associada à cristianização e às tradições folclóricas da época.

Vimos que as aventuras narradas na obra possuem caráter maravilhoso, conceituado como o *miraculous*, *mirabilis* e *magicus*. O *miraculosus* é classificado como maravilhoso cristão, sendo os milagres sua forma materializada, e o *magicus* seria o maravilhoso ligado aos domínios do diabo.

Como modelo do *miraculous*, vimos as curas efetuadas por Galaaz, o cavaleiro exemplar, e pela história da mulher da capela. Já o *magicus* aparece no exemplo da besta ladradora e nas artimanhas utilizadas pelo diabo para enganar Persival e para enganar o irmão de Aglinda, na aventura da fonte da virgem. Essa luta entre o bem e o mal dentro da *Demanda* é apresentada por meio da ligação dos personagens ao mesmo tempo com o bem Deus, e o mal, o Diabo, pois encontram-se em contato direto com os cavaleiros e os demais personagens.

Por meio do exemplo de Persival e de Aglinda, vemos que a demanda nos revela que os fiéis cristãos precisam estar sempre alertas e fortalecidos na fé por meio da castidade e obediência, pois o diabo está sempre à espreita para atacar. Todos aqueles que estão voltados para os prazeres do mundo acabam por cair nas artimanhas do diabo e por perderem suas almas para o Inferno. Por isso todos que se mostram perseverantes na busca pela salvação, ganham intervenção divina para sobrepujar o mal, já aqueles que compactuam com o diabo são abandonados e levados ao inferno.

Por fim, é interessante observar que a narrativa nos dá o exemplo da visão do Além-Túmulo tida pelo imaginário medieval, com os três lugares do além: paraíso, inferno e purgatório. Temos esses três lugares ilustrados no sonho de

Lancelot sobre o inferno, a história do eremita no purgatório e a aparição do Graal juntamente com a visão dada a Galaaz sobre sua morte.

Dessa forma, é possível perceber que *A Demanda do Santo Graal* traz em sua narração vários elementos do maravilhoso, e que, quanto mais estudamos o romance em si, mais iremos conhecer sobre a visão de mundo existente no medievo. Tal novela de cavalaria traz consigo inúmeros temas que a transformam em uma fonte inesgotável de pesquisa.

REFERENCIAS

Demanda do Santo Graal: Manuscrito do século XIII/texto sob os cuidados de Heitor Megale. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

FRANCO JR, Hilário. **A Idade média:** nascimento do ocidente. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

LE GOFF, Jacques. SCHIMITT, Jean-Claude (Coord.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2vols, 2002.

LE GOFF, Jacques. **O homem Medieval.** Lisboa: Editora Presença, 1989.

MEGALE, Heitor. A Demanda do Santo Graal: o códice 2594 de Viena e os testemunhos franceses da *Post-Vulgata*. **Signum Revista ABREM. São Paulo, nº 9, 2007.**

PERNOUD, Régine. **Luz sobre a Idade Média.** (Tradução de Antônio Manuel de Almeida Gonçalves). Portugal, 1997.

SANT'ANA, Vanessa O.N. **O maravilhoso na literatura do graal.** Disponível em: http://vencontro.anpuhba.org/anaisvencontro/V/Vanessa_Oliveira_Nogueira_de_Sant%27_Ana.pdf. Acesso: 20/10/2017.

SIQUEIRA, Ana M. A. **As artimanhas do diabo em a demanda do Santo Graal.** In: Brathair. São Luís. 2012, v.2. <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair>

SCHMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval.** Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHMITT, Jean-Claude. **O Corpo das Imagens.** São Paulo: EDUSC, 2007

ZIERER, Adriana. **Da ilha dos bem-aventurados à busca do Santo Graal:** Uma outra viagem pela Idade Média. São Luís: Editora UEMA, 2013.

ZIERER, Adriana. "Literatura e Imaginário: Fontes Literárias e Concepções Acerca do Além Medieval nos Séculos XII e XIII." In: ***Outros Tempos***. São Luís, 2004, v.1. www.outrostempos.uema.br